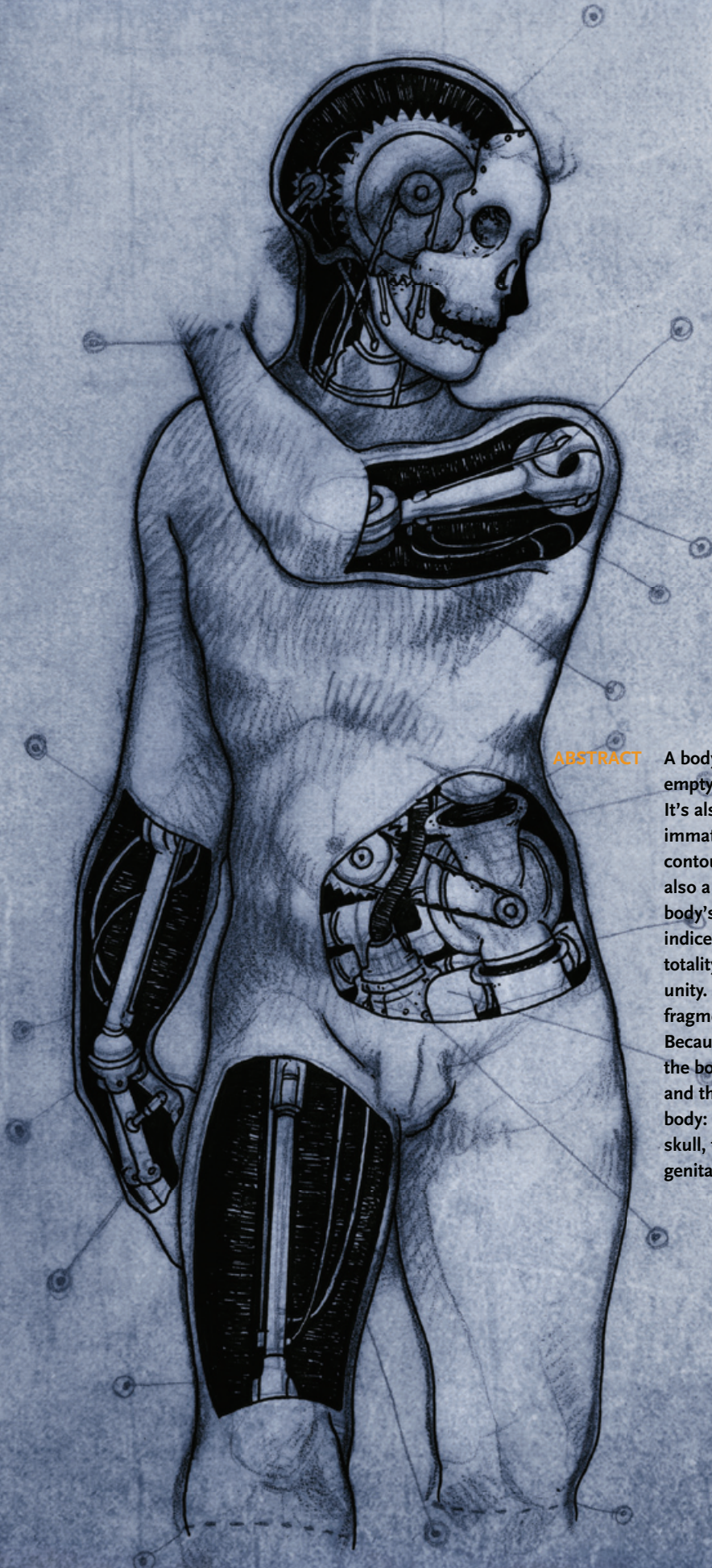




ABSTRACT

A body's material. A body isn't empty. It's full of other bodies. It's also full of itself. A body's immaterial. It's a drawing, a contour, an idea. The body is also a prison for the soul. The body's a prison, or a god. Why indices? Because there's no totality to the body, no synthetic unity. There are pieces, zones, fragments. Why 58 indices? Because $5 + 8 =$ the members of the body, arms, legs and head, and the the eight regions of the body: the back, the belly, the skull, the face, the buttocks, the genitals, the anus, the throat.

58 INDÍCIOS SOBRE O CORPO*

JEAN-LUC NANCY

Professor de Filosofia/Universidade de Strasbourg

Professor convidado das Universidades de Berlim e Berkeley

Tradução de Sérgio Alcides

Professor Adjunto da Faculdade de Letras/Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

* Tradução a partir de J.-L. Nancy, "58 indices sur le corps". (In: _____. **Corpus**. Ed. revista e aumentada. Paris: Métailié, 2006, p. 145-162). [N. do T.]

Primeira versão escrita para a revista portuguesa **Revista de Comunicação e Linguagens**, n. 33, Lisboa, 2004. Texto publicado em Montreal, em 2004, pelas edições Nota Bene, juntamente com um texto de Ginette Michaud, intitulado "Appendice". [N. do A.]

1. O corpo é material. É denso. Impenetrável. Se o penetram, fica desarticulado, furado, rasgado.

2. O corpo é material. Fica à parte. Distingue-se dos outros corpos. Um corpo começa e termina contra outro corpo. Até o vazio é uma espécie muito sutil de corpo.

3. Um corpo não é vazio. Está cheio de outros corpos, pedaços, órgãos, peças, tecidos, rótulas, anéis, tubos, alavancas e foles. Também está cheio de si mesmo: é tudo o que é.

4. Um corpo é longo, largo, alto e profundo: tudo isto em tamanho maior ou menor. Um corpo se estende. Cada lado seu toca outros corpos. Um corpo é corpulento, mesmo se for magro.

5. Um corpo é imaterial. É um desenho, um contorno, uma ideia.

6. A alma é a forma de um corpo organizado, diz Aristóteles. Mas o corpo é justamente o que desenha essa forma. É a forma da forma, a forma da alma.

8. A alma é material, de uma matéria toda outra, uma matéria que não tem nem lugar nem tamanho nem peso. Mas é material, muito sutilmente. Assim ela escapa à vista.

9. O corpo é visível, a alma, não. Vemos que um paralítico não pode mexer sua perna direito. Não vemos que um homem mau não pode mexer sua alma direito: mas devemos pensar que isto é o efeito de uma paralisia da alma. E que é preciso lutar contra ela e obrigá-la a obedecer. Eis aí o fundamento da ética, meu caro Nicômaco.

10. O corpo também é uma prisão para a alma. Ela expia nele uma pena cuja natureza não é fácil de discernir, mas que foi bem grave. É por isso que o corpo é tão pesado e tão incômodo para a alma. Precisa digerir, dormir, excretar, suar, sujar-se, ferir-se, adoecer.

7. A alma se estende por toda parte através do corpo, diz Descartes, está inteira por toda parte, ao longo dele, nele mesmo, insinuada nele, deslizando, infiltrada, impregnante, tentacular, insufladora, modeladora, onipresente.

11. Os dentes são as grades da janela da prisão. A alma escapa através da boca, em palavras. Mas as palavras ainda são eflúvios do corpo, emanações, leves dobraduras do ar que vem dos pulmões e é aquecido pelo corpo.

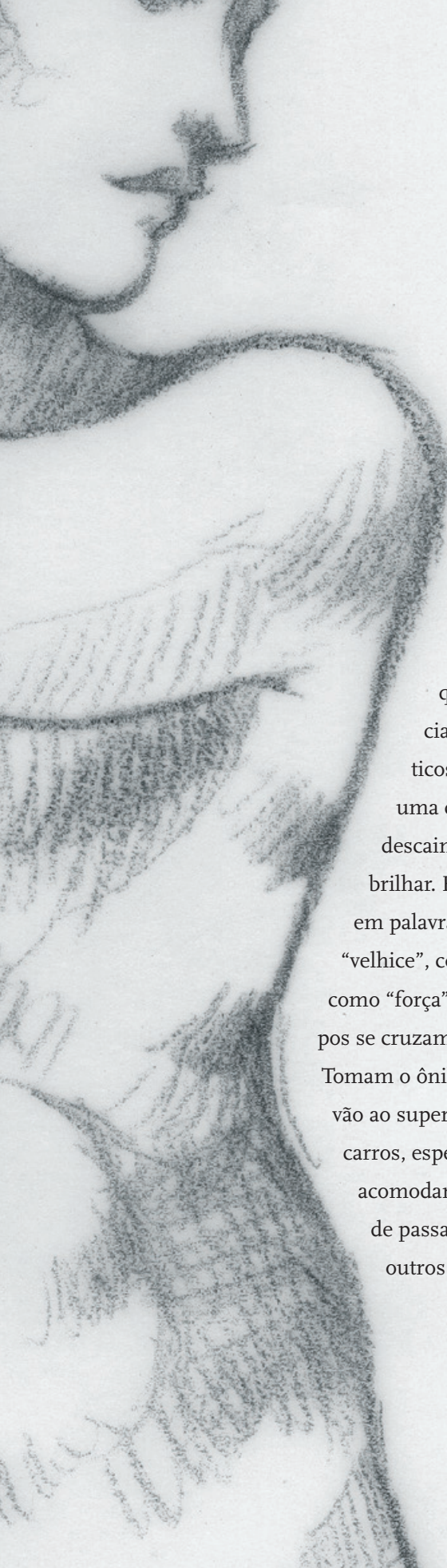
12. O corpo pode se tornar falante, pensante, sonhante, imaginante. Sente o tempo todo alguma coisa. Sente tudo o que é corpóreo. Sente as peles e as pedras, os metais, as ervas, as águas e as chamas. Não para de sentir.

13. No entanto, quem sente é a alma. E a alma sente, primeiro, o corpo. Ela o sente de todas as partes, contendo-a e retendo-a. Se ele não a retivesse, toda ela escaparia em palavras vaporosas que se perderiam no céu.

14. O corpo é como um puro espírito: contém-se todo a si mesmo e em si mesmo, num só ponto. Se esse ponto é rompido, o corpo morre. É um ponto situado entre os dois olhos, entre as costelas, no meio do fígado, bem ao redor do crânio, em plena artéria femoral, assim como em muitos outros pontos. O corpo é uma coleção de espíritos.

16. O corpo é uma prisão ou um deus. Não tem metade. Ou senão a metade é um picadinho, uma anatomia, um esboço, e nada disso dá em corpo. O corpo é um cadáver ou é glorioso. O que o cadáver e o corpo de glória compartilham é o esplendor radiante imóvel: definitivamente, é a estátua. O corpo se consuma na estátua.

15. O corpo é como um envelope: serve, então, para conter aquilo que depois deve ser desenvolvido. O desenvolvimento é interminável. O corpo finito contém o infinito, que não é nem alma nem espírito, e sim o desenvolvimento do corpo.



17. Corpo a corpo, lado a lado ou face a face, alinhados ou confrontados, mais frequentemente apenas mesclados, tangentes, com pouco a ver entre si. Mesmo assim, os corpos que não trocam propriamente nada enviam uns para os outros uma quantidade de sinais, advertências, piscadelas ou gestos sinaléticos. Uma pose relaxada ou ativa, uma cristação, uma sedução, um descaimento, um pesadume, um brilhar. E tudo o que podemos meter em palavras como “juventude” ou “velhice”, como “trabalho” ou “tédio”, como “força” ou “trapalhada”... Os corpos se cruzam, se roçam, se apertam. Tomam o ônibus, atravessam a rua, vão ao supermercado, entram nos carros, esperam sua vez na fila, se acomodam no cinema depois de passarem diante de dez outros corpos.

18. O corpo é simplesmente uma alma. Uma alma enrugada, gordurosa ou seca, peluda ou calosa, áspera, flexível, estalejante, graciosa, flatulenta, irisada, nacarada, supermaquiada, coberta de organdi ou camuflada em cáqui, multicor, coberta de graxa, de chagas, de verrugas. É uma alma em acordeão, em trompete, em ventre de viola

19. A nuca é rígida e é preciso sondar os corações. Os lobos do fígado repartem o cosmos. Os sexos se molham.

20. Os corpos são diferenças. São, portanto, forças. Os espíritos não são forças: estes são identidades. Um corpo é uma força diferente de várias outras. Um homem contra uma árvore, um cachorro diante de um lagarto. Uma baleia e um polvo. Uma montanha e uma geleira. Você e eu.

22. Diferentes, os corpos são todos um tanto disformes. Um corpo perfeitamente formado é um corpo embaçoso, indiscreto dentro do mundo dos corpos, inaceitável. É um esquema, não é um corpo.

21. Um corpo é uma diferença. Como é diferente de todos os outros corpos – enquanto os espíritos são idênticos – não termina nunca de diferir. Difere até mesmo de si. Como pensar lado a lado o bebê e o ancião?

23. A cabeça se destaca do corpo sem ser necessário decapitá-la. A cabeça se destaca de si mesma, decepada. O corpo é um conjunto que se articula e se compõe, que se organiza. A cabeça é feita de buracos apenas, cujo centro vazio representa muito bem o espírito, o ponto, a infinita concentração em si. Pupilas, narinas, boca, orelhas são buracos, evasões cavadas fora do corpo. Para além dos outros buracos, aqueles mais embaixo, essa concentração de orifícios se liga ao corpo por um canal estreito e frágil, o pescoço atravessado pela medula e por alguns vasos que estão prontos para inchar ou romper-se. Uma junção estreita que religa em dobra o corpo complexo à cabeça simples. Nela, nada de músculos, nada além de tendões e ossos com substância mole e cinzenta, circuitos, sinapses.

24. O corpo sem cabeça está fechado sobre si mesmo. Liga seus músculos entre si, engancha seus órgãos uns nos outros. A cabeça é simples, combinação de alvéolos e líquidos dentro de um envelope triplo.

25. Se o homem é feito à imagem de Deus, então Deus tem um corpo. Talvez até seja um corpo, ou o corpo eminente dentre todos. O corpo do pensamento dos corpos.

26. Prisão ou Deus, sem metade: envelope selado ou envelope aberto. Cadáver ou glória, em recesso ou excesso.

27. Os corpos se cruzam, se roçam, se apertam, se enlaçam ou se golpeiam: trocam tantos sinais, chamados, advertências, que nenhum sentido definido pode esgotar. Os corpos fazem do sentido o ultrassenso. São uma ultrapassagem do sentido. Por isso, um corpo só parece perder seu sentido quando está morto, fixado. Daí talvez que interpretemos o corpo como o túmulo da alma. Na realidade, os corpos não param de se mexer. A morte fixa o movimento que se deixa prender e renuncia a se mexer. O corpo é o mexer-se da alma.

28. Um corpo: uma alma lisa ou enrugada, gordurosa ou magra, glabra ou peluda, uma alma com calombos ou chagas, uma alma que dança ou mergulha, uma alma calosa, úmida, caída por terra...

29. Um corpo, corpos: não pode haver um só corpo, e o corpo traz a diferença. São forças dispostas e estendidas umas contra as outras. O “contra” (de encontro, em recontro, contraposto “de perto”) é a categoria maior do corpo. Quer dizer, o jogo de diferenças, contrastes, resistências, capturas, penetrações, repulsões, densidades, pesos e medidas. Meu corpo existe contra o tecido de suas vestes, o vapor do ar que ele respira, o brilho das luzes ou o roçar das trevas.

30. Corpo próprio: para ser próprio, o corpo deve ser estrangeiro, e assim achar-se apropriado. A criança olha sua mão, seu pé, seu umbigo. O corpo é o intruso que, sem fratura, não pode penetrar no ponto presente em si que é o espírito. Este está, além disso, tão bem apontado e fechado sobre o seu ser-para-si-em-si que o corpo não penetra nele sem exorbitar ou exogastrular sua massa como uma sobra, como um tumor fora do espírito. Tumor maligno cujo espírito não vai se recuperar.

31. Corpo cósmico: palmo a palmo, meu corpo toca tudo. Minhas nádegas na minha cadeira, meus dedos no teclado, cadeira e teclado na mesa, mesa no piso, piso nas fundações, fundações no magma central da terra e das placas tectônicas. Se parto do outro sentido, desde a atmosfera, chego às galáxias e, enfim, aos limites sem fronteiras do universo. Corpo místico, substância universal e marionete engonçada por mil cordões.

32. Comer não é incorporar, e sim abrir o corpo àquilo que engolimos, exalar o de dentro em sabor de peixe ou figo. Correr é desdobrar esse mesmo de dentro em pernadas, ar fresco na pele, fôlego ofegante. Pensar balança os tendões e as várias molas em jatos de vapor e em marchas forçadas sobre grandes lagos salgados sem horizonte discernível. Nunca há incorporação, mas sempre saídas, torções, desbordamentos, retalhamentos ou regurgitações, travessias, balanceios. A intussuscepção é uma quimera metafísica.

33. “Isto é meu corpo” = muda e constante asserção da minha mera presença. Implica uma distância: “isto”, eis aqui o que ponho diante de vocês. É “meu corpo”. Duas questões imediatamente se envelopam: a quem remete esse “meu”? E se “meu” indica propriedade, de que natureza será esta? – “Quem” então é o proprietário e qual é a legitimidade da sua propriedade? Não existe resposta para “quem”, porque este é tanto o corpo quanto o proprietário do corpo, e nem para “propriedade”, porque esta é tanto de direito natural quanto de direito de trabalho e de conquista (uma vez que cultivo meu corpo e cuido dele). “Meu corpo” então remete à inatribuibilidade dos dois termos da expressão. (Quem lhe deu seu corpo? Ninguém senão você mesmo, pois nenhum programa teria bastado para tanto, nem genético nem demiúrgico. Mas, então, é você diante de si mesmo? E por que não? Não estou eu sempre nas minhas próprias costas, na véspera de chegar até “meu corpo”?)

DANIEL DE CARVALHO



34. Na verdade, “meu corpo” indica uma possessão, não uma propriedade. Quer dizer, uma apropriação sem legitimação. Possuo meu corpo, trato dele como eu quiser, tenho sobre ele o *jus uti et abutendi*. Mas ele, por sua vez, me possui: me puxa ou me interrompe, me ofende, me detém, me impele, me repele. Somos um par de possuídos, um casal de dançarinos demoníacos.

35. A etimologia de “possuir” residiria na significação de “estar sentado em cima”. Estou sentado em cima do meu corpo, criança ou anão trepado nos ombros de um cego. Meu corpo está sentado sobre mim, esmagando-me sob seu peso.

37. “Este vinho tem corpo”: introduz na boca uma espessura, uma consistência que se junta ao sabor; deixa-se tocar, acariciar e rolar pela língua entre as bochechas, contra o palato. Não se contentará apenas em deslizar até o estômago, deixará a boca coberta de uma película, uma fina membrana ou um sedimento de seu gosto e do seu tônus. Poder-se-á dizer: “Este corpo tem vinho”: sobe à cabeça, solta os vapores que atraem e atardam o espírito, excita, incita a que o toquem para se eletrizar ao contato.

36. *Corpus*: um corpo é uma coleção de peças, de pedaços, de membros, de zonas, de estados, de funções. Cabeças, mãos e cartilagens, queimaduras, suavidades, emissões, sono, digestão, horripilação, excitação, respirar, digerir, reproduzir-se, recuperar-se, saliva, coriza, torções, câibras e *grains de beauté*¹. É uma coleção de coleções, *corpus corporum*, cuja unidade resta uma questão para si própria. Mesmo a título de corpo sem órgãos, ele tem uma centena de órgãos, cada um dos quais puxa de um lado e desorganiza o todo que nunca mais chega a se totalizar.

¹ • *Grain de beauté*: sinal na pele, pinta, lunar; literalmente, “grão de beleza”.
[N. do T.]

39. “Corpo” se distingue de “cabeça” assim como de “membros” ou, pelo menos, de “extremidades”. Neste sentido, o corpo é o tronco, o portador, a coluna, o pilar, a fundação do edifício. A cabeça se reduz a um ponto; verdadeiramente, não tem superfície, é feita de buracos, orifícios e aberturas pelos quais entram e saem diversas espécies de mensagens. As extremidades, de maneira similar, informam-se acerca do meio-ambiente e nele executam certas operações (andar, esperar, pegar). O corpo resta estrangeiro a tudo isso. Está posto sobre si, em si: não decapitado, mas com sua cabeça engelhada espetada nele como um alfinete.

40. O corpo é o em si do para si. Com relação a si, é o momento sem relação. É impenetrável, impenetrado, é silencioso, surdo, cego e privado de tato. É maciço, grosseiro, insensível, inafetivo. É também o em si do para os outros, voltado para eles mas sem nenhuma consideração por eles. É somente efetivo – mas o é absolutamente.

41. O corpo guarda seu segredo, esse nada, esse espírito que não se aloja nele, mas está inteiramente espalhado, expandido, estendido através dele, tão bem que o segredo não tem nenhum esconderijo, nenhum recinto íntimo onde um dia seja possível ir descobri-lo. O corpo não guarda nada: guarda-se como segredo. Por isso o corpo morre, e leva o segredo consigo para o túmulo. Mal nos restam alguns indícios de sua passagem.

38. Nada é mais singular do que a descarga sensível, erótica, afetiva que certos corpos produzem sobre nós (ou melhor, inversamente, a indiferença a que certos outros nos entregam). Tal conformação, tal tipo de porte, tal cor de cabelos, um jeito, um espaçamento entre os olhos, um movimento ou um contorno das espáduas, do queixo, dos dedos, quase nada, mas um tom, uma dobra, um traço insubstituível... Não é a alma, mas o *espírito* de um corpo: sua marca, sua assinatura, seu odor.

42. O corpo é o inconsciente: os germes dos antepassados sequenciados em suas células, os sais minerais inseridos, os moluscos acariciados, os tocos de madeira rompidos e os vermes banquetecendo-se em cadáver sob a terra ou, senão, a chama que o incinera e a cinza que daí se deduz e o resume em impalpável poeira, e as pessoas, as plantas e os animais que ele encontra e nos quais esbarra, as lendas de antigas babás, os monumentos desmoronados e cobertos de líquen, as enormes turbinas das usinas que lhe fabricam as ligas inauditas com as quais ele fará próteses, os fonemas ásperos ou sibilantes com os quais sua boca emite ruídos ao falar, as leis gravadas nas estelas e os secretos desejos de matar ou de imortalidade. O corpo toca tudo com as pontas secretas de seus dedos ossudos. E tudo acaba por ganhar corpo, até o *corpus* de pó que se ajunta e que dança um vibrante bailado no estreito feixe de luz onde vem acabar o último dia do mundo.

43. Por que indícios em vez de caracteres, signos, marcas distintivas?

Porque o corpo escapa, nunca está bem seguro, deixa-se suspeitar, mas não identificar. Poderia sempre ser não mais que uma parte de um corpo maior, que supomos ser sua casa, seu carro ou seu cavalo, seu burro, seu colchão. Poderia não ser mais que um duplo desse outro corpo tão pequeno e vaporoso que chamamos de sua alma e que sai de sua boca quando ele morre. Só dispomos de indicações, traços, pegadas, vestígios.

44. A alma, o corpo, o espírito: a primeira é a forma do segundo e o terceiro é a força que produz a primeira. O segundo é então a forma expressiva do terceiro. O corpo exprime o espírito, quer dizer, faz com que ele brote para fora, espreme-lhe o suco, extrai-lhe o suor, arranca-lhe faíscas e atira tudo no espaço. Um corpo é uma deflagração.

45. O corpo é *nosso* e nos é *próprio* na exata medida em que não nos pertence e se subtrai à intimidade do nosso próprio ser, se é que este existe, coisa de que justamente o corpo nos faz duvidar seriamente. Mas, nessa medida, que não admite nenhuma limitação, nosso corpo não é apenas nosso, mas também nós, nós mesmos, até a morte, quer dizer, até sua morte e sua decomposição, na qual nós poderemos ser e somos identicamente decompostos.

46. Por que indícios?

Porque não existe uma totalidade do corpo, uma unidade sintética. Existem peças, zonas, fragmentos. Existe um pedaço atrás do outro, um estômago, um supercílio, uma unha de polegar, um ombro, um seio, um nariz, um intestino delgado, um canal colédoco, um pâncreas: a anatomia é interminável, antes de acabar esbarrando na enumeração exaustiva das células. Mas esta não constitui uma totalidade. Ao contrário, é preciso recomeçar de imediato toda a nomenclatura para encontrar, se possível, o traço da alma impresso sobre cada pedaço. Mas os pedaços, as células mudam enquanto a contagem enumera em vão.

47. A exterioridade e a alteridade do corpo vão até o insuportável: a dejeção, a imundície, o ignóbil rejeito que ainda faz parte dele, que ainda pertence à sua substância e, sobretudo, à sua atividade, pois é preciso que ele o expulse, o que não é um de seus ofícios menos importantes. Desde o excremento até a excrescência das unhas, dos pelos ou de toda espécie de verrugas ou malignidades purulentas, é preciso que ele jogue fora e separe de si o resíduo ou o excesso de seus processos de assimilação, o excesso de sua própria vida. Isto ele não deseja nem dizer nem ver nem sentir. Sente vergonha disso em toda sorte de incômodos e embaraços cotidianos. A alma impõe a si mesma o silêncio sobre toda uma parte do corpo, do qual ela é a própria forma.

48. Precisão do corpo: é aqui e em nenhuma outra parte. É na ponta do dedão do pé direito, é na base do externo, é no mamilo do seio, é à direita, à esquerda, em cima, em baixo, no fundo ou na superfície, é difuso ou pontual. É dor ou prazer, ou, senão, é simples transmissão mecânica como aquela dos toques do teclado na polpa dos meus dedos. Mesmo isso que se descreve como uma sensação qualquer, como difuso observa a precisão do “difuso”, que irradia cada vez de um modo bem preciso. A precisão do espírito é matemática, a da alma é física: exprime-se em gramas e milímetros, em facção de ejeção e rapidez de sedimentação, em coeficiente respiratório. A anatomia nada tem de redutor, contrariamente ao que os espiritualistas pretendem: ao contrário, é a extrema precisão da alma.

49. Imprecisão dos corpos: eis um homem por volta dos quarenta, que aparenta ser bastante seco e nervoso, ar preocupado, talvez até um pouco fugitivo. Caminha com certa rigidez, poderá ser um professor ou um médico, ou ainda um juiz ou um administrador. Não presta muita atenção à roupa. Tem as maçãs do rosto altas e a tez ligeiramente bronzeada: é, sem dúvida, mais de origem mediterrânea, em todo caso não nórdica. Ademais, é de estatura bem mediana. Ficamos com a impressão de que ele é meio esquisito e nos perguntamos se ele tem alguma autoridade ou determinação. Com isso, duvidamos que ele se ame a si mesmo. É possível continuar longamente nesse registro, tantos são os indícios dispersos sobre um só e mesmo corpo. Decerto, vamos nos enganar em muitos pontos, talvez até em todos. Mas não saberíamos errar a pontaria completamente, a menos que um disfarce concebido com o mais consumado artifício pudesse nos enganar. Esse disfarce teria então de tirar seus traços de algum recurso típico, esquemático, de espécie ou de gênero. Porque existem tipos humanos (o mesmo não se dá entre os animais). Eles são, de maneira inextricável, biológicos ou zoológicos, fisiológicos, psicológicos, sociais e culturais, seguem constantes de alimentação ou educação, sexuação e vínculo com o trabalho, a condição, a história: mas imprimem sua tipologia, mesmo que o façam à custa de uma infinita diferenciação individual. Nunca se poderá dizer onde começa o singular e onde acaba o tipo.

50. A denegação dos tipos, tanto individuais quanto coletivos, é uma consequência do imperativo antirracista que se tornou necessário assumir. Pobre necessidade, entretanto, esta que nos obriga a apagar esses ares de família, essas semelhanças vagas, mas insistentes, essas mesclas tocantes ou divertidas dos efeitos da genética, da moda, das divisões sociais, das idades e no meio das quais emerge com maior relevo o incomparável de cada um(a).

51. *Grain de beauté*: assim a língua francesa denomina essas partículas morenas ou pretas, muito de leve salientes, que vêm por vezes (ou, em alguns ou algumas, frequentemente) formar uma pinta, uma marca ou um grão sobre a pele. Em vez de manchar a pele, elas ressaltam sua brancura ou, pelo menos, era isso o que se costumava dizer no tempo em que a neve e o leite serviam de comparações por excelência para a pele das mulheres. Estas então, quando preciso, punham “moscas” de veludo nas bochechas e no pescoço. Hoje, a preferência é por peles mais morenas, coradas ou bronzeadas, mas o *grain de beauté* ainda guarda seus atrativos: assinala a pele, baliza sua extensão, configurando-a, guia o olhar e atua sobre ele como uma marca de desejo. Por pouco não diríamos que o *grain de beauté* é um germe de desejo, uma minúscula elevação de intensidade, um corpúsculo cuja tez escura concentra uma energia do corpo inteiro, como o faz também ao bico do seio.

52. O corpo funciona por espasmos, contrações e distensões, dobras, desdobramentos, nós e desenlaces, torções, sobressaltos, soluços, descargas elétricas, distensões, contrações, estremecimentos, sacolejos, tremores, horripilações, ereções, arquejos, arroubos. Corpo que se eleva, se abisma, se escava, se descama e se fura, se dispersa, zanza, escorre e apodrece ou sangra, molha e seca ou supura, grunhe, geme, resmunga, estala e suspira.

54. O corpo, a pele: todo o resto é literatura anatômica, fisiológica e médica. Músculos, tendões, nervos e ossos, humores, glândes e órgãos são ficções cognitivas. São formalismos funcionalistas. Mas a verdade, esta é a pele. Está na pele, faz a pele: autêntica extensão exposta, toda voltada para fora, ao mesmo tempo em que envelopa o de dentro da bolsa cheia de borborismos e cheirumes. A pele toca e se faz tocada. A pele acaricia e agrada, se fere, descasca, se arranha. É irritável e excitável. Pega sol, frio, calor, vento, chuva, inscreve marcas de dentro – rugas, pintas, verrugas, escoriações – e marcas de fora, por vezes as mesmas ou ainda lanhos, cicatrizes, queimaduras, talhos.

56. Corpo indicial: tem alguém ali, tem alguém que se esconde, que mostra a ponta da orelha, algum ou alguma, alguma coisa ou algum signo, alguma causa ou algum efeito, tem ali algum modo de “ali”, de “lá”, bem perto, bastante longe...

53. O corpo fabrica a autoimunidade da alma, no sentido técnico desse termo médico: ele defende a alma contra ela mesma, impede-a de estar inteiramente entregue à sua espiritualidade íntima. Provoca um rechaço da alma na própria alma.

55. Corpo oximoro polimorfo: dentro/fora, matéria/forma, homo/heterologia, auto/alonomia, crescimento/excrescência, meu/breu...

57. Corpo tocado, tocante, frágil, vulnerável, sempre mutante, fugaz, inapreensível, evanescente sob a carícia ou o golpe, corpo sem casca, pobre pele estendida sobre uma caverna onde flutua nossa sombra...

58. Por que 58 indícios? Porque $5 + 8$ = os membros do corpo, braços, pernas e cabeça, e as 8 regiões do corpo: as costas, o ventre, o crânio, o rosto, as nádegas, o sexo, o ânus, a garganta. Ou, senão, porque $5 + 8 = 13$ e $13 = 1 \& 3$, 1 valendo pela unidade (um corpo) e 3 valendo pela incessante agitação e transformação que circula, se divide e se excita entre a matéria do corpo, sua alma e seu espírito... Ou, senão, ainda: o arcano XIII do tarô designa a morte e a morte incorpora o corpo no inconsumível corpo universal dos lodos e dos ciclos químicos, dos calores e dos brilhos estelares.

59. Surge, por conseguinte, o quinquagésimo-nono indício, o supranumerário, o excedente, o sexual: os corpos são sexuados. Não existe corpo unissex como hoje se diz de certas peças de roupa. Ao contrário, um corpo é por toda parte também um sexo: assim os seios, um membro, uma vulva, os testículos, os ovários, as características ósseas, morfológicas, fisiológicas, um tipo de cromossoma. O corpo é sexuado em essência. Esta essência é determinada como a essência de uma relação com a outra essência. O corpo é assim determinado como essencialmente relação, ou em relação. O corpo é relacionado com o corpo do outro sexo. Nessa relação, trata-se da sua corporeidade à medida que ela toca pelo sexo em seu limite: ela goza, quer dizer, o corpo é sacudido fora de si mesmo. Cada uma de suas zonas, gozando por si mesma, emite no fim o mesmo clarão. Isto se chama uma alma. Porém, mais frequentemente, isto permanece apreendido pelo espasmo, no soluço ou no suspiro. O finito e o infinito se cruzaram, intercalaram-se por um instante. Cada um dos sexos pode ocupar a posição do finito ou do infinito.